
Redes urbanas e memória coletiva: um estudo de caso das iniciativas Rios e Ruas e *Lost Rivers Walks*¹

Dayana K. Melo da SILVA²
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

As grandes cidades são caracterizadas pela emergência de uma nova percepção espaço-temporal significativamente engendrada pelas tecnologias de comunicação e de transporte. Como parte integrante do projeto moderno, essas cidades seguiram a mesma lógica de instrumentalização do humano, da técnica e da natureza, forjando um modelo de desenvolvimento no qual a paisagem natural é dissociada da paisagem urbana. O objetivo deste estudo é investigar como no seio dessa mesma concepção moderna de cidade surgem iniciativas interessadas em romper com essa lógica, a exemplo do Rios e Ruas e *Lost Rivers Walks*, que atuam, respectivamente, nas cidades de São Paulo (Brasil) e Toronto (Canadá), mapeando com o auxílio de dispositivos e arquiteturas digitais e em rede cursos de água retificados, canalizados e enterrados.

PALAVRAS-CHAVE: Redes Urbanas; Coletivos Urbanos; Memória Coletiva; Metrôpoles Modernas; Rastros Digitais.

INTRODUÇÃO

As redes urbanas são compreendidas neste estudo como a junção entre redes sociais, redes tecnológicas e redes naturais que caracterizam a paisagem das grandes cidades. No âmbito do nosso objeto de pesquisa, elas se definem de modo preciso pela inter-relação entre grupos de cidadãos engajados no mapeamento e restauração de rios e córregos urbanos; dispositivos e arquiteturas digitais e em rede mobilizadas nesse processo; e os próprios cursos de água, que podem estar visíveis ou ocultos sob as ruas e avenidas dessas cidades em decorrência do fenômeno da urbanização.

Investigar essas dinâmicas significa investigar as próprias bases sobre as quais as grandes cidades ou metrôpoles modernas foram construídas e se desenvolveram. Como bem sabemos, isso que entendemos por modernidade se caracteriza, entre outros fatores, pelas ideias e ideais de progresso, racionalismo e individualismo, que se fundamentam,

¹ Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora contratada do Departamento de Comunicações e Artes da ECA-USP e pesquisadora do Centro de Síntese USP Cidades Globais do IEA-USP, e-mail: dayanamelo@usp.br

por sua vez, em uma visão de mundo universalista e dualista, que busca sempre opor cultura e natureza, sociedade e técnica, humano e não humano etc. (LATOURE, 1997). As grandes cidades aparecem, portanto, como reflexos de uma concepção moderna de instrumentalização do humano, da técnica e da natureza (HEIDEGGER, 2007).

Todavia é no seio da própria modernidade e das metrópoles modernas que surgem as rupturas, as brechas, os indícios de uma mudança de paradigma que podem ser examinados pela observação de fenômenos como os descritos neste estudo. Assim, se em um primeiro momento, propomos retrair a relação entre o desenvolvimento das metrópoles modernas e o cotidiano dos indivíduos inseridos nesse contexto a fim de entender os fatores que estruturam a dinâmica das grandes cidades; sugerimos, em seguida, uma discussão acerca da crise ou saturação das próprias ideias e ideias modernas na atualidade. Todas essas questões culminam, por sua vez, em um entendimento da história humana e natural como forjada por continuidades e descontinuidades, associações e fragmentações, diferenças e similitudes etc.

E é precisamente ante esses questionamentos que as iniciativas sociais Rios e Ruas (São Paulo, Brasil) e *Lost Rivers Walks* (Toronto, Canadá) emergem. Integradas aos dispositivos e arquiteturas digitais e em rede e ao território geográfico das cidades em que atuam, tais iniciativas redefinem, na atualidade, a relação entre sociedade, técnica e natureza. Ao mesmo tempo, ao mobilizarem essas tecnologias para transformarem a percepção dos habitantes das cidades acerca dos elementos naturais eliminados ou ocultados da paisagem urbana, elas também colaboram para a construção ou atualização de uma memória coletiva, conforme observaremos na última seção deste estudo.

O URBANO E O COTIDIANO NA MODERNIDADE

O fenômeno da urbanização transformou o ambiente social e natural. Ao mesmo tempo em que possibilitou a emergência de novas formas de sociabilidade, ele modificou a paisagem das cidades, impactando modos de existência humanos e não humanos. Na modernidade, tal fenômeno se deu de modo correlato à industrialização e ao êxodo rural, tendo como principal marco histórico a Revolução Industrial e os processos de mecanização dela decorrentes, que atingiram, por sua vez, não apenas o modo de produção das sociedades modernas, mas também os próprios territórios nos quais essas sociedades se erigiram.

Isso significa que, para que os grandes edifícios e avenidas que caracterizam as metrópoles modernas fossem construídos, foi necessário disciplinar e mesmo eliminar florestas e rios, entre outros elementos comumente descritos como naturais. O próprio dualismo entre natureza e cultura, ou natureza e sociedade, constitui-se como a base dessa visão moderna de mundo, fundamentada em uma epistemologia e ontologia ocidental que coloca o homem como centro do universo, “mestre e senhor da natureza”, conforme enunciou René Descartes (1992). Pensada como infinita, universal, regulada por leis físicas e orgânicas, a natureza, ou ideia de natureza, torna-se, então, exterior à humanidade, um simples objeto a ser explorado.

Ao lado das práticas de exploração do homem pelo homem e da natureza pelo homem, a metrópole moderna emerge. Tudo o que aparece como empecilho ao seu progresso contínuo deve ser disciplinado, das pessoas aos cursos de água. Essa é a lógica que rege o processo de instrumentalização da natureza, do corpo humano e mesmo da técnica que impera na modernidade. Conforme indica Gilbert Simondon (2014), os valores do progresso foram essenciais para o desenvolvimento dessa “doutrina mecanicista” ao longo da história da civilização ocidental, partindo de uma concepção ligada ao indivíduo em direção a uma ordem e objetivo global.

Às ideias de progresso e de domínio, Michel Maffesoli (2008) acrescenta o individualismo e o racionalismo como os grandes pilares da modernidade. Assim, para além de uma percepção de tempo sempre projetiva, na qual tudo será orientado em função do futuro, e de uma forma lógica de dominação, a época moderna pode ser caracterizada pelo entendimento do indivíduo como único e indivisível e pela emergência de uma ideologia da razão que pode ser compreendida como uma razão instrumental (*Sweckrationalität*), tal qual definida pelos teóricos da chamada Escola de Frankfurt (HORKHEIMER, 2016), ou no sentido da utensilidade (*Zuhandenheit*), conforme indica Martin Heidegger (2012).

De modo simultâneo, como partes constitutivas da ambiência moderna, todos esses fatores se fundem com a própria fluidez tão característica dessa época. No texto “O Pintor da vida moderna” (*Le peintre de la vie moderne*), o poeta francês Charles Baudelaire (1976) define a modernidade como sendo “[...] o transitório, o fugitivo, o contingente”. E é nesse cenário entre a instrumentalização do Eu e do Outro (social, tecnológico e natural) e a efemeridade dos encontros com o mundo que se forja uma nova compreensão de espaço e de tempo, sobretudo no contexto das grandes cidades.

Essa transformação na percepção espaço-temporal está, por sua vez, diretamente associada a uma transformação nos próprios sentidos do homem moderno, como tão bem descreve Walter Benjamin (2009). A experiência urbana, com seus devaneios, errâncias, mas também com as estereotipizações e mecanizações, lança o indivíduo cada vez mais à multidão. Em uma vida forjada entre a rapidez e o êxtase, o contínuo e o descontínuo, cada saída de casa se torna um evento de acionamento de percepções sensoriais. A visão, a audição, o olfato, o tato, são cotidianamente ativados por meio de “micro-choques” que se dão nesse mundo moderno, um “mundo dominado por [...] fantasmagorias” (BENJAMIN, 2009, p. 67).

Nessa mesma tentativa de compreensão da modernidade e das metrópoles modernas, Georg Simmel (2005) nos mostra como a vida nas grandes cidades difere da vida nas cidades pequenas e no campo. Enquanto nessas últimas, a vida é fundamentada na sensibilidade, nas primeiras, ela se fundamenta na intelectualização e na racionalização. De modo que, na leitura simmeliana, o intelecto racional se funde à economia monetária, e o espírito moderno torna-se espírito contábil, no qual tudo é quantificado e objetificado. Mesmo o tempo nas cidades grandes deve obedecer a uma precisão lógica a fim de que a engrenagem de corpos e máquinas continue o seu movimento ininterrupto de obrigações de chegada e partida.

Todos esses fatores impactam a vida mental dos habitantes das grandes cidades gerando novas condições psicológicas por meio da “intensificação da vida nervosa”, que é diretamente ligada ao contínuo estímulo dos sentidos, exigindo do homem moderno uma atitude de indiferença, reserva ou mesmo de excentricidade, cujo intuito é resguardar sua mente ou traços de sua pretensa personalidade. Assim, nas palavras de Simmel (2005, p. 577): “Os problemas mais profundos da vida moderna brotam da pretensão do indivíduo de preservar a autonomia e a peculiaridade de sua existência frente às superioridades da sociedade, da herança histórica, da cultura exterior e da técnica da vida”, acrescentando que esses e outros elementos culminam na “[...] resistência do sujeito a ser nivelado e consumido em um mecanismo técnico-social”.

A contínua ativação das percepções sensoriais ou de estímulos nervosos tão característica das grandes cidades é, em grande medida, forjada pelas inovações e transformações tecnológicas, sobretudo das tecnologias de transporte e comunicação, que geram, mesmo em face de todo esse esquema racional, um certo encantamento pelos próprios sentidos e sensibilidades que despertam. O poeta francês Victor Hugo (2013),

em um relato sobre sua primeira viagem de trem, em 1837, descreve essa experiência como um “movimento magnífico” no qual “As flores à beira da estrada já não são flores, são manchas ou antes listras vermelhas ou brancas; não mais pontos, tudo se torna listrado”.

O próprio Benjamin, em sua leitura sobre a reprodutibilidade técnica na era industrial, nos apresenta uma visão ampla do significado do aparato técnico, por meio da qual é possível perceber uma relação intrínseca entre os sentidos e sensações humanas e as materialidades das tecnologias modernas. Com isso, podemos entender que, conforme a afirmação de Benjamin (1996, p. 12, grifos do autor), “*No interior de grandes períodos históricos, a forma de percepção das coletividades humanas se transforma ao mesmo que seu modo de existência*”, isso acontece porque “O modo pelo qual se organiza a percepção humana, o meio em que ela se dá, não é apenas condicionado naturalmente, mas também historicamente”.

O fato é que as tecnologias estão imbricadas no cotidiano do homem moderno, que está, por sua vez, imerso em um contexto histórico-social. Na atualidade, essas tecnologias potencializam ainda mais as interações não apenas entre pessoas, mas entre estas e os ambientes que as entornam e nos quais elas estão inseridas, o que inclui o próprio ambiente tecnológico, servindo, ao mesmo tempo, como elementos de associação e fragmentação em uma época igualmente caracterizada por substanciais rupturas.

SOBRE A TRANSVERSALIDADE DA CRISE OU A SATURAÇÃO DOS IDEAIS MODERNOS

Na atualidade, a crise tem o significado comum de incerteza. Assim, se em sua origem etimológica, a *krisis*, palavra grega, significa decisão, tendo seu sentido conservado pela medicina antiga, que a entende como “[...] o momento decisivo, o ponto de inflexão que *permite o diagnóstico*” (MORIN, 1994, p. 176, grifos do autor, tradução nossa), presentemente, ela parece indicar a dúvida ante um tempo em que tudo o que parecia certo e ordenado se mostra incerto e desordenado.

Esse processo pode ser igualmente entendido com base na noção de saturação, tal como definida por Pitirim Sorokin (1947), que a vincula à iminência de uma transformação social. Para Sorokin, o sistema sociocultural das sociedades ocidentais é estruturado em fenômenos de descontinuidade e similitude. Isso indica que, em uma

determinada época, durante um determinado período, que pode ser breve ou longo, os sistemas que formam as sociedades atingem seu ponto de saturação, o que provoca oscilações em suas estruturas econômicas, políticas, afetivas etc.

Lembremos que a visão não linear da história das civilizações também foi discutida por Oswald Spengler, que desenvolveu suas análises refutando as interpretações únicas e causais da história, metaforizada pela imagem de um organismo vivo e igualmente entendida de forma cíclica: “Antiguidade, Idade Média, Época Moderna [...] Às culturas do porvir parecerá quase inacreditável que esse esquema jamais tenha sido abalado seriamente, não obstante a estupidez do seu curso retilíneo e suas proporções insensatas” (SPENGLER, 1973, p. 33–34).

De acordo com Maffesoli (2007a), a constatação do processo de declínio da civilização ocidental e seus sistemas de valores invalida, enfim, a “ambição positivista”. Com isso, as ideias fundadoras da época moderna, construídas sobre o universalismo judaico-cristão, parecem ter encontrado no decurso do século XX seu ápice de incertezas e inquietações. Notemos que essa herança universalista entre os modernos é “[...] teorizada no pensamento de Santo Agostinho que, em particular em *A Cidade de Deus*, mostra claramente o substrato ‘soteriológico’ de tal universalismo”, conforme argumenta Maffesoli, acrescentando que, a ideia de uma verdadeira cidade por vir, de uma salvação a ser alcançada, é “[...] o fundamento do mito do progresso que tanto marcou a nossa tradição e que culmina no pensamento social do século XIX voltado para a busca de uma sociedade perfeita” (MAFFESOLI, 2002, p. XV, tradução nossa).

De fato, ao dirigirmos nossa atenção para os movimentos de edificação desses valores então saturados, observaremos que a influência desse universalismo está nos elementos e processos que caracterizam o nascimento da própria ideia de modernidade. A invasão e conquista dessa parte do mundo que se convencionou chamar de América, a revolução científica e a invenção de uma natureza artificial também contribuíram para a construção dessa visão de mundo antropocêntrica, marcada pelos princípios de exploração de uma ideia de natureza e universo infinitos e pela substituição do homem cosmológico pelo indivíduo.

Considerado por muitos pensadores, entre eles Edmund Husserl (2008, p. 86), “o pai fundador do pensamento moderno”, Descartes foi um dos mais célebres colaboradores desse projeto de civilização. Os conceitos centrais do cartesianismo, como o dualismo e a concepção moral da busca da verdade, governaram a relação entre sociedade, natureza,

ciência e técnica durante toda a época moderna, com raros desvios. As teorias saint-simoniana e positivista, nascidas no seio do século XIX e com grande influência também no século XX, têm no cartesianismo a origem do racionalismo, antropocentrismo e pensamento técnico prometeico que tão bem as definem.

Com efeito, toda essa teorização das crises e mecanismos de saturação da modernidade já estavam inscritas na sentença nietzschiana que indica que “[...] o ‘verdadeiro mundo’ acabou por se tornar em fábula” (NIETZSCHE, 1974, p. 340). Em vez da redenção da humanidade, atingimos à devastação do mundo social e natural, e assim, com Gianni Vattimo (1998), a ideia de “desencantamento do mundo”, descrita por Max Weber, encontra seu próprio desencanto. Constatação sociológica e filosófica que Maffesoli (2007b) descreverá, por sua vez, como um processo de “reencantamento do mundo”, uma reversão de tendências caracterizada pela desconfiança e indiferença ante às instituições e valores modernos, pela sinergia entre o arcaico e o tecnológico e pelo desejo de pertencimento.

Ao longo do século XX, vários importantes pensadores, entre eles Gilbert Durand (1996) e Edgar Morin (2005), discutiram acerca desse processo de transformações também paradigmáticas. No campo das ciências humanas e sociais, muitas noções se entrelaçam revelando essas mutações. As contribuições da *French Theory*³, a interpretação da pós-modernidade proposta por François Lyotard (1979), a ideia de “radicalidade” em Jean Baudrillard (2003), o olhar para os híbridos e não humanos em Bruno Latour (1997), e mesmo o perspectivismo ameríndio, “[...] concepção indígena segundo a qual o mundo é povoado de outros sujeitos, agentes ou pessoas, além dos seres humanos, e que veem a realidade diferentemente dos seres humanos” (CASTRO, 2007, p. 32), todas elas complexificaram ainda mais essas questões.

A MEMÓRIA COMO EXPERIÊNCIA COLETIVA E EM REDES

É justamente nesse contexto de crise, ou saturação dos ideais modernos, que surgem nas grandes cidades coletivos de cidadãos engajados na ressignificação de espaços e restauração de elementos naturais que foram ocultados da paisagem urbana. Esses coletivos aparecem como pontos de inflexão, pequenos indícios de uma mudança

³ Aqui nós destacamos as obras de Gilles Deleuze, Félix Guattari, Jacques Derrida e Michel Foucault.

na percepção dos habitantes dessas cidades em relação ao território geográfico. No caso dos coletivos implicados na redescoberta e revitalização de rios e córregos retificados, canalizados e enterrados sob as ruas e avenidas de importantes metrópoles globais, a memória tem um papel central, sobretudo quando articulada coletivamente e por meio de redes sociais, tecnológicas e ambientais.

Neste estudo, mapeamos e observamos no ambiente digital atividades de rememoração de rios e córregos ocultos desenvolvidas por dois coletivos que atuam em dois contextos distintos e que corroboram essa afirmação: Rios e Ruas (São Paulo, Brasil)⁴ e *Lost Rivers Walks* (Toronto, Canadá)⁵. Identificamos que esses coletivos mobilizam dispositivos e arquiteturas digitais e em rede no processo de produção e disseminação de narrativas acerca dos cursos de água visíveis e ocultos que compõem os territórios nos quais eles atuam, bem como no processo de mapeamento dos rios e córregos enterrados, possibilitando uma primeira e importante visualização da rede hidrográfica das cidades em seu estado natural. Tanto no contexto de Toronto como no contexto de São Paulo, a presença dos rios e córregos enterrados pode ser percebida por meio de vestígios, como curvas, becos, ruas sem saída, ruas íngremes, ou seja, elementos remanescentes do sistema fluvial transformados pelo processo de urbanização em simples sistemas de drenagem de águas pluviais.

Acerca do projeto *Lost Rivers Walks*, verificamos que ele é desenvolvido conjuntamente com outros dois coletivos, a saber, *Toronto Green Community*⁶ e *Toronto Field Naturalists*⁷. O projeto foi criado em 1995 com o objetivo de retrazar por meio de caminhadas os cursos de rios e córregos enterrados na cidade de Toronto. Essas caminhadas contam sempre com a presença de pelo menos um líder e são abertas à participação de qualquer pessoa. É possível encontrar no site do grupo informações sobre caminhadas realizadas desde 1998 até os dias atuais. Destacamos o trecho de um convite para uma caminhada realizada em 17 de setembro de 2000 a fim de mostrar como o processo de redescoberta desses cursos de água passa pela redescoberta da própria história da cidade: “Em Riverdale, sete pequenos riachos drenavam um grande banco de areia e

⁴ Disponível em: <http://rioseruas.com.br>. Acesso em: 19 maio 2021.

⁵ Disponível em: <http://www.lostrivers.ca>. Acesso em: 10 maio 2021.

⁶ Organização fundada em 1995 com a missão de envolver os moradores de Toronto em iniciativas ambientais. Disponível em: <https://www.torontogreen.ca/>. Acesso em: 11 maio 2021.

⁷ Organização sem fins lucrativos fundada em 1923 para incentivar a preservação e o aproveitamento do patrimônio natural de Toronto. Disponível em: <https://torontofieldnaturalists.org/>. Acesso em: 11 maio 2021.

alimentavam um vasto pântano [...]. Na fundação de Toronto, eles eram locais para fazendas, moinhos, pedreiras, olarias e depósitos de lixo”⁸.

Mais recentemente, com o desenvolvimento da internet, seus aparatos e interfaces, essas caminhadas ganharam um caráter digitalizado, de modo que é possível descobrir o percurso de muitos rios e córregos enterrados em Toronto por meio dos chamados “tours virtuais”. Os mapas se dividem em duas temáticas: *Disappearing Rivers of Toronto*, que consiste em um mapa digital no qual é possível visualizar por meio de um simples movimento do cursor a rede fluvial original da cidade e como os cursos de água foram desaparecendo ao longo do tempo⁹; e *Lost River’s Bay Area Walks*, que se trata de uma série de mapas interativos onde cada ponto de parada é ilustrado por fotos e textos, podendo serem utilizados como recurso nas caminhadas *in loco* ou apenas no ambiente digital¹⁰.

De forma semelhante, o projeto Rios e Ruas associa caminhadas — ou expedições urbanas, como eles próprios definem — ao uso de dispositivos e arquiteturas digitais e em rede. Criada em 2010, a iniciativa atua em parceria com outros importantes coletivos da capital paulista igualmente engajados na redescoberta e mapeamento dos cursos de água da cidade, a exemplo do Nascentes SP, Viva Rio Pinheiros, Existe Água em SP, Rios Invisíveis e Cidade Azul, tendo como objetivo “[...] ‘trazer de volta’ à cidade esses rios e córregos soterrados”, conforme já foi feito em algumas outras importantes cidades do mundo¹¹.

Em 2015, em parceria com o coletivo Cidade Azul, o grupo desenvolveu um audioguia conectado a um mapa digital interativo por meio do qual é possível seguir o percurso de alguns dos rios e córregos enterrados em São Paulo. Além de narrar o curso original dessas águas, os audioguias também apresentam partes da história desses cursos de água, destacando a relação intrínseca entre o modo como eles foram ocultados e a geografia local. Este trecho de um dos audioguias exemplifica bem essa relação: “Antes de começar nossa viagem, vamos atravessar essa realidade ao redor e usar a nossa imaginação pra entender melhor que lugar é esse. [...] se você ficar atento a esse áudio e ao ambiente à sua volta, será quase como visitar um outro mundo, um outro tempo”¹².

⁸ Disponível em: <http://lostrivers.ca/content/Warch2001.html>. Acesso em: 11 maio 2021.

⁹ Disponível em: <http://lostrivers.ca/disappearing.html>. Acesso em: 12 maio 2021.

¹⁰ Disponível em: <http://www.lostrivers.ca/ParkdaleWalk.html>. Acesso em: 12 maio 2021.

¹¹ Disponível em: <http://rioseruas.com.br/manifesto/>. Acesso em: 20 maio 2021.

¹² Disponível em: <https://soundcloud.com/cidadeazul/sets/cidade-azul-encontro-dos-rios>. Acesso em: 20 maio 2021.

Mesmo no contexto da pandemia de Covid-19, tanto o *Lost Rivers Walks* como o Rios e Ruas mantiveram algumas de suas atividades por meio de *webinars*, *lives*, caminhadas transmitidas ao público via plataformas de teleconferência e redes sociais digitais. Os dois coletivos também parecem ter propósitos semelhantes. Assim, enquanto o *Lost Rivers Walks* define sua história como capaz de “[...] inspirar uma nova compreensão do que pode ser possível em uma futura cidade, construída com uma compreensão de ecossistemas vivos que podem nos permitir criar um tipo totalmente novo de ecossistema urbano”¹³, o Rios e Ruas argumenta e questiona em seu manifesto o seguinte: “Aprendemos que os rios de São Paulo estão mortos. O destino das coisas mortas é o esquecimento. Aprendemos a esquecer os rios da nossa cidade. E se nossos rios não estiverem mortos?”¹⁴.

Ademais, observamos nas narrativas produzidas e disseminadas no ambiente digital pelas duas iniciativas, a intenção de desenterrar esses rios e córregos primeiramente na memória dos habitantes das duas cidades nas quais esses grupos atuam. De fato, muitos moradores de grandes cidades atravessam cotidianamente ruas, avenidas, se deslocam de um ponto para outro, sem se questionarem acerca daquilo que foi ocultado no território natural para que o território urbano ganhasse forma, isto é, sem se questionarem sobre esse espaço híbrido, que é forma-conteúdo, de acordo com a definição de Milton Santos (2009). Foi assim que muitos desses elementos, como os rios e córregos, foram sendo esquecidos, apagados da memória, renegados a simples esgotos para o escoamento de águas pluviais e dejetos (BARTALINI, 2006).

Em face desse contexto, a memória coletiva ainda guarda um papel central. Tal concepção de memória, como nos ensina Paul Ricœur, parte de cada pessoa e da sua intimidade até se tornar memória de vários. O que não indica uma simples passagem da memória individual para a memória coletiva, mas o entendimento de que as lembranças pessoais de cada pessoa são construídas também por meio das lembranças de outras pessoas. Nesse sentido, Ricœur (2000, p. 163, tradução nossa) afirma que: “Não é, pois, com a única hipótese da polaridade entre a memória individual e a memória coletiva que devemos entrar no campo da história, mas com o de uma tripla atribuição de memória: para si mesmo, para seus entes, para os outros”.

¹³ Disponível em: <http://www.lostrivers.ca/content/introduction.html>. Acesso em: 12 maio 2021.

¹⁴ Disponível em: <http://rioseruas.com.br/manifesto/>. Acesso em: 20 maio 2021.

Esse entendimento de memória coletiva, que perpassa dispositivos e arquiteturas digitais e em rede, como investigado neste estudo, conjuga-se, ainda, com a concepção de memória como fator de engajamento (ROTHBERG, 2015), na qual os próprios coletivos são os grandes responsáveis pela produção, armazenamento, preservação e circulação de narrativas textuais, visuais, sonoras e audiovisuais acerca das suas histórias, bem como das histórias dos territórios nos quais eles atuam. Essa correspondência entre espaço habitado e tempo histórico na construção de narrativas e memórias é também uma das principais particularidades desses coletivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, buscamos compreender a atuação de coletivos engajados na ressignificação de espaços e restauração de elementos naturais ocultados da paisagem urbana durante o desenvolvimento das metrópoles modernas por meio do olhar lançado para a própria concepção de modernidade. Conforme observamos, além da objetificação e instrumentalização dos corpos humanos, a modernidade sempre buscou objetificar e instrumentalizar os espaços e territórios pelos quais esses corpos transitam, eliminando do tecido urbano tudo que fosse visto como entrave para o seu desenvolvimento e manutenção da sua ordem, a exemplo dos cursos de água que os coletivos e iniciativas por nós investigados buscam redescobrir e restaurar.

Os dispositivos e arquiteturas digitais e em rede também têm um papel fundamental nesse processo, servindo não apenas como elementos que possibilitam a conexão entre pessoas, mas também entre estas e o território geográfico. É ainda por meio dessas tecnologias que antes de serem naturalmente reintegrados à paisagem urbana, os rios e córregos são inicialmente reintegrados à memória dos habitantes dessas cidades, contribuindo, assim, para a construção ou atualização de uma memória coletiva acerca desses cursos de água e de suas histórias. Cada documento sobre a infraestrutura hídrica das cidades, imagens de arquivo e narrativas históricas é fundamental nesse processo de rememoração mediado pelas tecnologias de comunicação e informação.

Outro fator de interesse é a questão da temporalidade, que com essas tecnologias ganha uma dimensão ainda mais complexa. Isso acontece porque, na contemporaneidade, os rastros digitais produzidos por esses coletivos, como os registros textuais, imagéticos, sonoros, audiovisuais, as plataformas interativas de mapeamento, entre outros

documentos, constituem em si registros de uma memória coletiva, engajada, em sinergia com o espaço e o tempo atuais, visto que não nos remetem a algo do passado, mas a algo ainda presente, mesmo que enterrado sob ruas e avenidas.

Por fim, destacamos que essa inter-relação entre sociedade, tecnologia e meio ambiente que caracteriza a atuação desses e de outros coletivos e iniciativas demanda, por sua vez, uma abordagem igualmente inter-relacional, isto é, que pense os processos e fenômenos histórico-sociais, comunicacionais e naturais de forma integrada e não-linear. O vínculo entre humano-técnica-natureza articulado por meio do digital e dos rastros que o compõe traz consigo importantes questionamentos acerca da percepção espaço-temporal na atualidade e para os quais o campo da Comunicação, por sua percepção plural e ampla, pode contribuir decisivamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTALINI, Vladimir. A trama capilar das águas na visão cotidiana da paisagem. **Revista USP**, n. 70, p. 88–97, 2006.
- BAUDELAIRE, Charles. **Œuvres complètes**. Paris: Gallimard, 1976.
- BAUDRILLARD, Jean. **La pensée radicale**. Paris: Sens & Tonka, 2003.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: GRÜNNEWALD, José Lino. **A idéia do cinema**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. p. 10–34.
- BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Eduardo Viveiros de Castro** (Coleção Encontros). Rio de Janeiro, RJ: Beco do Azogue Editorial, 2007.
- DESCARTES, René. **Discours de la méthode**. Paris: Flammarion, 1992.
- DURAND, Gilbert. **Science de l’homme et tradition**. Paris: Albin Michel, 1996.
- HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. **Scientiae Studia**, v. 5, n. 3, p. 375–398, 2007.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2012.
- HORKHEIMER, Max. **Eclipse da razão**. São Paulo: Editora Unesp, 2016.
- HUGO, Victor. **Voyage. France et Belgique**. Paris: Hachette BNF, 2013.
- HUSSERL, Edmund. **La crise des sciences européennes et la phénoménologie transcendantale**. Paris: Gallimard, 2008.

LATOURE, Bruno. **Nous n'avons jamais été modernes: essai d'anthropologie symétrique.** Paris: La Découverte, 1997.

LYOTARD, Jean-François. **La condition postmoderne: rapport sur le savoir.** Paris: Éditions de Minuit, 1979.

MAFFESOLI, Michel. **Après la modernité? La logique de la domination ; La violence totalitaire ; La conquête du présent.** Paris: CNRS éditions, 2008.

MAFFESOLI, Michel. **La connaissance ordinaire: précis de sociologie compréhensive.** Paris: Klincksieck, 2007a.

MAFFESOLI, Michel. **La transfiguration du politique: la tribalisation du monde postmoderne.** Paris: la Table ronde, 2002.

MAFFESOLI, Michel. **Le réenchantement du monde.** Paris: La Table ronde, 2007b.

MORIN, Edgar. **Introduction à la pensée complexe.** Paris: Seuil, 2005.

MORIN, Edgar. **La sociologie.** Paris: Fayard, 1994.

NIETZSCHE, Friedrich. Crepúsculo dos Ídolos. **Obras Incompletas. Friedrich Nietzsche.** Os Pensadores. São Paulo: Editora Abril, 1974. v. XXXII, p. 335–352.

RICŒUR, Paul. **La mémoire, l'histoire, l'oubli.** Paris: Éd. du Seuil, 2000.

ROTHBERG, Danilo. Comunicação para sustentabilidade, memória social e cidadania em projetos de pesquisa. **Líbero**, v. 18, n. 35, p. 133–144, 2015.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Edusp - Universidade de São Paulo, 2009.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). **Mana**, v. 11, n. 2, p. 577–591, 2005.

SIMONDON, Gilbert. **Sur la technique (1953-1983).** 1re édition. Paris: Presses universitaires de France, 2014.

SOROKIN, Pitirim. **Society, Culture and Personality : Their Structure and Dynamics.** New York & London: Harper & Brothers Publishers, 1947.

SPENGLER, Oswald. **A decadência do ocidente. Esboço de uma morfologia da História Universal.** Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

VATTIMO, Gianni. **Credere di credere.** Milano: Garzanti Libri, 1998.